

# GABRIELA: O FILME

FRANCISCA CARLA SANTOS FERRER\*

## RESUMO

O presente trabalho busca analisar o filme *Gabriela*, produzido em 1983 pelo diretor Bruno Barreto. Esse filme foi baseado no romance de Jorge Amado intitulado *Gabriela, cravo e canela*.

**PALAVRAS-CHAVE:** cinema; coronelismo; Nordeste brasileiro.

## INTRODUÇÃO

*O cinema, por meio de uma linguagem própria, transmite idéias, valores, conteúdos, pensamentos, compondo uma escrita figurativa que permite uma leitura das imagens construídas* (LUCAS, 1998, p. 46).

Neste trabalho, proponho um estudo sobre a relação da “realidade criada pelo cinema com a realidade histórica” (FLORES, 2002, p. 7), pois os filmes são testemunhos inigualáveis do cotidiano ou da mentalidade de uma época, porém “o filme não encerra em si todo o conhecimento do social mas tem nas suas imagens uma construção de sentido para as evidências, as marcas, as características, as tendências de comportamento e pensamento da sociedade (LUCAS, 1998, p. 13), principalmente quando nos deparamos com filmes que são adaptações literárias; pois, mesmo que os diretores não tenham o “compromisso” com o “real”, o filme nos faz perceber um cotidiano que muitas vezes encontra-se longe da realidade do espectador.

Essas adaptações são “uma faca de dois gumes”, pois a “realidade” que pode ser (re)construída e apresentada para

---

\* Mestre em História – PUCRS

muitos espectadores “leigos” pode trazer “embutida” uma “imagem não-real” do cotidiano de uma sociedade, já que as imagens dão acesso não ao mundo social diretamente, mas sim a visões contemporâneas do mundo. Segundo Peter Burke, o filme possui um poder de proporcionar ao espectador uma sensação de testemunhar os eventos, mas esta sensação de testemunho é ilusória, pois o diretor molda a experiência preocupado não somente com o que aconteceu, mas em contar uma história que possa mobilizar os sentidos de muitos espectadores.

Em *Gabriela*, o filme e a própria obra literária apresentam um “modelo oficial” da mulher brasileira (morena, sensual, livre...) que é construído e passa a ser incorporado pelo imaginário coletivo<sup>1</sup> da sociedade. Assim, cabe ao historiador o desafio de apreender das “imagens todas as lições positivas ou negativas percorridas pela indústria cinematográfica, na elaboração de modelos e antimodelos” (FLORES, 2002, p. 7). Sob tal perspectiva histórica, analisaremos o filme mencionado.

## O FILME

O filme inicia com uma cena que retrata a “realidade” sofrida até hoje por muitos nordestinos, que é a seca e o êxodo rural.

A história do filme começa exatamente com um grupo de retirantes, do qual Gabriela (Sônia Braga), fazia parte. Esses retirantes estavam fugindo da seca e indo para a cidade mais próxima, Ilhéus, na Bahia, em busca de emprego, casa, comida e água. Ao chegar na cidade, todos os retirantes iam para o mercado, local onde poderiam conseguir um emprego,

Nacib Saad (Marcello Mastroianni) era dono de um bar e precisava de uma cozinheira. Indo ao mercado, encontrou uma mulher em trapos miseráveis, pés imundos e cabelos desgrenhados; estava tão suja que ele não conseguia ver suas feições. Perguntou se ela sabia cozinhar, ela respondeu, disse seu

---

<sup>1</sup> Por imaginário coletivo entendemos, segundo Michel Vovelle (1991, p. 104), “uma história das culturas ou do pensamento manifesto, ao domínio mais secreto das atitudes coletivas, que se exprimem por atos, gestos ou simplesmente sonhos, reflexos inconscientes de representações enraizadas”

nome (Gabriela) e que sabia fazer de tudo. Nacib perguntou quanto ela queria receber para trabalhar para ele. Gabriela respondeu que não importava o preço, qualquer coisa servia, contanto que tivesse casa e comida.

Nesse momento do filme podemos realizar uma análise sobre a realidade da sociedade nordestina, em que ainda permanecem presentes as mesmas situações e problemas que aparecem no filme. No período das secas, muitos indivíduos abandonam suas casas e saem à procura da sobrevivência nas capitais do Nordeste ou em outros grandes centros urbanos, por não possuírem meios para prover o próprio sustento. Conforme Limeira Tejo,

O sertanejo continua absolutamente desaparelhado para enfrentar a hostilidade do meio físico. Sem nenhum ideal de trabalho, sem a menor orientação econômica, desencorajado, ele não pôde, até agora, interpretar a intenção do progresso que a máquina lhe trouxe (...) A sua fartura, nas épocas boas de inverno, é apenas uma folga no seu rosário de aperreios (...) O que deve ser considerado como causa imediata dos dolorosos espetáculos oferecidos pela desgraça das gentes sertanejas. A causa real desse espetáculo é, tão e só, a inexistência de uma compreensão econômica do meio. Compreensão que está muito longe de ser atingida com esse passo de obras cuja única finalidade é promover um socorro provisório aos flagelados (1998, p. 31 e 36).

Retornando ao filme; depois que Gabriela foi levada por Nacib para sua casa, para trabalhar como cozinheira e empregada doméstica, esta passa a se encantar pela jovem, e esta, sempre com seu ar de menina ingênua porém sensual, passa a tomar conta não só da casa e cozinha, mas também da cama de Nacib, tornando-se sua “teúda e manteúda”.

Com o passar do tempo, muitos homens começam a cobiçar Gabriela, por sua sensualidade, que a todo o momento aparece no filme, na interpretação de Sônia Braga. Nacib passa então a ter ciúmes de Gabriela e decide casar-se, mas, como ela não possui certidão de nascimento, ele pensa ser impossível realizar tal desejo. Todavia seu “amigo” Tonico Bastos (Antônio Cantafora), que era dono do cartório, diz-lhe que poderia

falsificar os papéis de Gabriela e realizar o casamento.

Assim, Nacib organizou o casamento. Mas a partir do momento em que Gabriela passou a ser sua noiva, ele a manda dormir em outra casa, pois a sociedade poderia comentar; ou seja, antes, enquanto sua amante, Gabriela podia viver na mesma casa que Nacib, e para a sociedade era considerada "normal e aceitável" esse tipo de convivência, mas no momento em que ele pretende se casar com Gabriela, tudo se torna diferente, pois no imaginário da época a mulher para o casamento tinha que ser uma mulher pura e de bons princípios.

Após o casamento, Gabriela foi obrigada a mudar, pois a senhora Saad tinha que se vestir como as mulheres dos médicos, advogados e coronéis da cidade, tinha que usar sapatos, ouvir as maçantes palestras do Grêmio, ir ao cinema, ou seja, foi imposto a Gabriela todo um modo de comportamento que não fazia parte da sua realidade e natureza. Enquanto Nacib a obrigava a frequentar encontros sociais, ela queria ir ao circo.

O casamento e o relacionamento dos dois começou a ficar diferente e frio. Um dia, Nacib teve uma desavença com um de seus empregados, que lhe estava roubando, e esse empregado contou que ele era "cornudo", pois Gabriela estava tendo um caso com Tônico (seu padrinho de casamento). Transtornado com o que ouviu do empregado, Nacib pegou o revólver e seguiu para casa. Quando lá chegou, encontrou Gabriela e Tônico na cama, contudo o marido traído não conseguiu matar a esposa, apenas a surrou e a expulsou de casa.

Naquela sociedade, se Gabriela fosse somente sua amante, a surra bastava, mas, como sua legítima esposa, "manchas roxas" não eram suficientes para lavar a honra de Nacib; ele teria que lavar sua honra com sangue, e como não conseguira fazer isso, achou que a melhor solução era sair da cidade, para não ser alvo de chacota perante toda a sociedade.

João Fulgêncio aconselhou o amigo a anular o casamento, já que os papéis tinham sido forjados por Tônico no cartório. Nacib então conseguiu anular o casamento e pôde viver tranquilo frente à sociedade, porém depois Gabriela voltou a ser sua amante.

A imagem da mulher que é "apresentada" no filme através

da personagem Gabriela é de uma mulher sensual, maliciosa, ingênua, que não consegue controlar sua sensualidade e muito menos ser aprisionada por um único homem.

Em meio a toda essa trama das personagens principais no filme, também surgem várias cenas interligadas, que nos permitem analisar melhor a sociedade da época, seus costumes e cotidiano.

Enquanto Nacib buscava Gabriela no mercado, acontecia um "crime" na cidade. Naquela manhã, o coronel Jesuíno flagrou sua esposa, Sinhazinha, na cama com o dentista, Dr. Osmundo, matando-os em seguida. Após o ocorrido, no bar de Nacib os fregueses comentavam e discutiam calorosamente a tragédia; havia diferentes versões, porém o consenso era de apoio ao gesto machista do coronel, pois, para a provinciana Ilhéus, "honra de homem enganado só o sangue poderia limpar". O coronel que matou a mulher pediu proteção para o coronel Ramiro Bastos, que era o líder daquela região e mandava em Ilhéus, onde o sistema do coronelismo imperava.

Esse sistema foi muito forte no Nordeste, pois o coronel era quem mandava na região, nos homens, nas leis da cidade ou do município, que eram obedecidas conforme sua vontade e necessidade. Sobre esse sistema, afirma Leal:

O "Coronelismo" atua no reduzido cenário do Governo local. Seu habitat são os municípios do interior, o que equivale a dizer os municípios rurais, ou predominantemente rurais, sua vitalidade é inversamente proporcional ao desenvolvimento das atividades urbanas, assim como o comércio e a indústria na formação e manutenção do fenômeno (1998, p. 271).

Assim, podemos entender por que o coronel Ramiro Bastos se contrapõe ao engenheiro que chega à cidade em busca do progresso, tanto é que no filme, quando aparece a cena em que o coronel morre, surge outra cena mostrando que em Ilhéus havia chegado o progresso, ou seja, há uma ligação simbólica entre o fim do coronelismo e o início do progresso urbano.

Outra trama importante a salientar no filme é a aparição de Glória (Tânia Boscili), "teúda e manteúda" de um coronel, que possui uma boa casa, roupas maravilhosas, jóias, até mais do que a própria esposa do coronel. Na trama, Glória conhece o

professor, que antes fora namorado da filha do coronel Melk e que foi trocado pelo engenheiro que havia chegado na cidade.

Esse professor infeliz passava em frente à casa de Glória, então esta o chamou e convidou a entrar. Tornaram-se amantes. A “teúda e manteúda” passou a manter financeiramente o professor, tanto é que no início do filme o professor aparece com os sapatos rasgados e roupas costuradas, mas depois do envolvimento com Glória ele surge no fim do filme, muito bem vestido e com sapatos novos, e o detalhe é que antes o professor queria que Glória casasse com ele e deixasse a vida que levava, mas ela não aceitou, e propôs a ele continuar o caso amoroso na mesma situação. Muitas foram as vezes em que o coronel entrava pela porta da frente e o professor saía pela porta de trás da casa. Todos sabiam disso na sociedade, mas como ela era teúda e não esposa do coronel, passava despercebido o ato de Glória.

Outra cena relevante e que retrata a realidade da sociedade baseada no coronelismo, do Nordeste, é a encomenda da morte de um adversário político do coronel Ramiro Bastos. Um pistoleiro contratado o matou por emboscada. A utilização de pistoleiros para preservar o poder de antigos chefes políticos do sertão, que fazia parte da prática eleitoral, passa a ser recorrente, à medida que surgem fissuras na dominação tradicional. “A força, nesse sentido, é utilizada na proporção direta da perda do controle de antigas bases eleitorais. Se esse poder não consegue se reproduzir pela hegemonia o faz através da força” (BARREIRA, 1990, p. 73).

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O filme “Gabriela” é muito importante enquanto fonte histórica, pois nos “apresenta” o cotidiano de uma cidade do interior do Nordeste e a sua constituição social, códigos de postura da época e o imaginário social que se fez presente durante todo o contexto da obra, nos fornecendo ferramentas para analisar uma sociedade regida pelo sistema do coronelismo.

Mas não podemos entender o filme enquanto o retrato fiel de uma realidade, já que o cinema é uma obra de arte que possui toda uma liberdade de criação e movimento. Assim,

devemos compreendê-lo enquanto uma representação da realidade.

## **BIBLIOGRAFIA**

BARREIRA, Irllys Alencar Firmo. Esse objeto Movimentos Urbanos: novas e velhas querelas. *Rev. de C. Sociais*, Fortaleza, v. 20-21, n. 1-2, p. 61-72, 1989-1990.

BURKE, Peter. *Testemunha ocular: história e imagem*. São Paulo: EDUSC, 2004.

\_\_\_\_\_. *A escrita da História: novas perspectivas*. São Paulo: UNESP, 1992.

FLORES, Moacyr (org). *Cinema: imagens da história*. Porto Alegre: Evangraf, 2002.

LE GOFF, Jacques. *História: novos objetos*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1995.

LUCAS, Meize Regina de Lucena. *Imagens do moderno: o olhar de Jacques Tati*. São Paulo : Annablume; Fortaleza: Secretaria da Cultura e Desportos, 1998.

LEAL, Vitor Nunes. Conceituação e conseqüências do "coronelismo". Sinais de crise do sistema: perspectivas. In: MENEZES, Djacyr (org.). *O Brasil no pensamento brasileiro*. Brasília: Senado Federal, 1998.

MANGUEL, Alberto. *Lendo imagens*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

TEJO, Aurélio de Limeira. Vida social da Caatinga. In: MENEZES, Djacyr (org.). *O Brasil no pensamento brasileiro*. Brasília: Senado Federal, 1998.